

## **SER ESTAR CORPO**

Micaela Rocha Dutra Rodrigues<sup>1</sup>, André Luiz Antunes Netto Carreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Teatro - CEART - bolsista PIBIC/CNPq

<sup>2</sup>Orientador, Departamento de Artes Cênicas - CEART – andre.carreira@udesc.br.

Palavras-chave: Atuação. Corpo. Estado.

A presente pesquisa tem como objetivo explorar as potencialidades do trabalho de atrizes e atores, de forma que cada artista desenvolva sua técnica pessoal, a partir das experimentações que funcionam para si, que resulte em uma atuação cênica concisa na concepção de acontecimentos. Assim como a vida cotidiana com seus os acasos, sentimentos indefinidos, o estar, o olhar, o pensar, o jogar, o respirar, o pausar e o tocar indecifráveis, a intensidade, o tempo, o risco, o clímax - acontecimentos diversos e profundos- ; a arte teatral deve ir além de reproduzir a vida, para então gerar acontecimentos. Por muito tempo se pensou uma atuação a serviço do texto dramático, enrijecendo a cena em uma forma, uma imagem, estereótipos do que é a realidade. Portanto, mais do que mostrar, contar uma história ao público, propõem-se criar um ambiente de experiência estética que compartilhe sensações e situações reais, ainda que não sejam necessariamente realistas.

Para que uma situação ficcional seja real na cena, ela precisa de um aparato que lhe dê a vida, e lhe confira as nuances da realidade. Este é o trabalho da atriz e do ator, oferecer o seu corpo, que é real, - que está presente aqui e agora, modificando-se com os acontecimentos- para atuar, ou seja, incorporar a ficção e torná-la real através de seus aparatos físicos, emocionais, sensoriais e relacionais. E não por meio de algo estático, construído separado do corpo. Por sensações verdadeiras, criadas a partir do interior e não da superfície das experiências corporais das atrizes e atores, todas as falas e ações de cena possuem motivos sensoriais e físicos para acontecerem, intensos o bastante para gerar-lhe o prazer de se afetar com o que faz, de se modificar, e assim crescer e dominar os olhos do público. Dando ao lúdico toda a complexidade do real.

A pesquisa é elaborada em meio aos encontros do laboratório de atuação, parte do Núcleo de Pesquisas Sobre Processos de Criação Artística (ÁHQIS). No laboratório, o coordenador André Carreira, propõe uma série de exercício práticos, e posteriores discussões sobre, que nos possibilitam experimentar e descobrir como produzir sensações e intensidades com os nossos corpos. Os exercícios são normalmente em grupo, alguns podem começar com foco individual, mas depois se abrem para que os integrantes estabeleçam relação com um outro indivíduo. Eles possuem estruturas prévias de espacialidade ou regras, mas que a partir das relações que se criam e do caminho das experimentações vão se quebrando e transformando. Portanto as dinâmicas não são fixas, sempre fruto de improvisações, jogos de relação que são conduzidos por estados anímicos (como euforia, raiva, tristeza, tensão, relaxamento e outros) que os participantes visitam. Mais especificamente ,

um estado é uma resultante de explorações físicas e/ou imagéticas que provocam diferentes manifestações no corpo e mente do indivíduo; essas podem ser tensões ou relaxamentos musculares, mudanças na respiração, imagens internas; qualquer ação concreta que lhe traga sensações.

As atividades que realizamos possuem diferentes premissas desde a escuta (do que ocorre consigo e seu corpo durante o jogo de cena, do que está passando na situação criada e o que pensa, quer, ou está acontecendo com o outro) até testar a alternância entre estados, modular sua intensidade e etc. Entretanto, independente do foco que é dado, a todo o momento estamos fazendo algo com o nosso corpo, deixando-o em desequilíbrio, buscando algo ainda não descoberto, nos atentando à *como o que eu faço me modifica*. O que eu faço com o meu corpo, quais são suas possibilidades e o que isso me gera, que estado, imagem, pensamento, emoção, sensação isso me resulta.

Para todos os exercícios sabemos algum texto de memória. E este deve ser utilizado no momento em que a experimentação corporal esteja muito intensa e precise ir para outra instância do jogo, ganhar novos sentidos, antes que se esvazie. Assim sendo, o texto entra como problema, como fricção entre a matéria prima orgânica, real, que é o corpo e a ficção. A técnica de atuação, ao meu ver, deve ser capaz de aqui operar para que a intensidade produzida no corpo assimile a ficção como parte do jogo interno que produziu essas sensações presentes, fundindo-se ao texto, a ponto de gerar-lhe os seus sentidos reais.

Compreendendo as experimentações que faço, percebo que a minha técnica se baseia principalmente na criação de imagens, estabelecendo um contexto de jogo no qual a mente aceita melhor ser conduzida ao contexto ficcional. E, partindo do mesmo princípio, minha mais recente experimentação tem sido passear entre imagens de movimentações corporais específicas da dança clássica ou contemporânea, sem realizá-las, mas colocando-me em contato com a sensação de imaginar-me me movimentando de outra forma, do que a que estou no jogo. Isso gerou estados com grande intensidade e profundidade, nos quais permaneci durante bastante tempo, até deixá-lo modificar-se com os acontecimentos das relações. Essa foi outra percepção importante, a de que um estado não é fechado, ainda que ele possua suas qualidades base, vai sofrendo transformações com o jogo. Para concluir, cada vez mais, para mim, a pesquisa das potencialidades do trabalho de atriz tem se direcionado às potencialidades do corpo que atua, e possivelmente, ampliando o campo da pesquisa, que dança.